

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº637

De 24 de junho a
8 de julho 2022
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



EXPANSÃO CAPITALISTA NA AMAZÔNIA É GENOCÍDIO INDÍGENA

JUSTIÇA PARA BRUNO E DOM BOLSONARO É CULPADO!

INTERNACIONAL



Páginas 13

**Equador: trabalhadores
vão às ruas contra
presidente banqueiro**

DEMAGOGIA



Páginas 7

**Bolsonaro ataca Petrobras
pra proteger lucro dos
grandes acionistas**

PRÉ-CANDIDATURA



Páginas 16

**Vera participa do lançamento
de pré-candidaturas no Norte
e Nordeste**

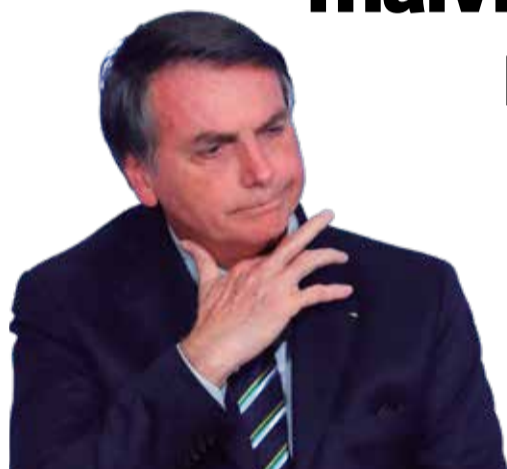
páginadois

CHARGE

FOIÇADA NA FUNAI



“Esse inglês era malvisto na região”



BOLSONARO, referindo-se ao jornalista Dom Phillips. De fato ele era mal visto, mas pelos amigos criminosos do presidente.

PRÓXIMO LANÇAMENTO

www.editorasundermann.com.br

CRISE SOCIAL

Protestos por Despejo Zero

No último dia 21, em todo o país, os movimentos por moradia foram às ruas para conseguir a prorrogação da ADPF 828, a decisão do STF (Supremo Tribunal Federal) que impede despejos durante a pandemia de covid-19. Em vigor desde 2021, a medida perderá a validade no dia 30 de junho. Com isso, segundo as estimativas da Campanha Despejo Zero, que organiza a mobilização, mais de meio milhão de pessoas poderão perder suas casas do dia para a noite. Os protestos querem chamar a atenção da população para o drama vivido pelas famílias e cobrar do poder público medidas que evitem as remoções. Ao todo, já são mais de 142 mil famílias que vivem sob ameaça de remo-



ção- 97,3 mil crianças e 95 mil idosos estão em perigo. Mesmo com a ADPF em vigor, os governos seguiram despejando famílias ao longo da crise sanitária. Quase 21 mil idosos já foram retirados de suas casas. O número de crianças removidas também

é alarmante e chega a 21.492. Essa situação é especialmente preocupante nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Até agora, já foram desabrigadas 45,1 mil famílias paulistas, 29,2 mil famílias fluminenses e 19,2 mil famílias pernambucanas.

COVARDE

Procuradora é agredida por colega

Mais um episódio machista e absurdo revolta o país. No último dia 21, uma procuradora geral da cidade de Registro (SP) foi agredida pelo procurador municipal, Demétrius Oliveira de Macedo, depois que este se revoltou contra a abertura de um processo disciplinar contra ele. Gabriela Samadello Monteiro de Barros, de 39 anos, foi agredida pelo também procurador Demétrius Oliveira Macedo, de 34 anos. Em ação filmada por outra funcionária, ele desferiu uma



série de socos quando a mulher estava caída. Colegas tentaram impedir as agressões, mas Macedo deu mais um soco no rosto de Gabriela que ficou

bastante ferida e a xingava de “puta” e “vagabunda”. Nas redes sociais, Demétrius expressa sua admiração a Bolsonaro e se diz um cidadão de bem.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Nessa crise social, não dá para ganhar a guerra a reboque do inimigo

O Brasil vive uma guerra silenciosa. Num espaço de apenas um ano, 14 milhões de pessoas se viram sem ter o que comer. O número total de brasileiros com fome supera os 33 milhões, e mais da metade do povo vive em insegurança alimentar.

Os efeitos do retrocesso das condições de vida dos trabalhadores e do povo pobre são os de uma verdadeira guerra. Uma guerra cotidiana que mata e atinge apenas um lado: os trabalhadores e o povo pobre e negro. E o seu resultado é a regressão em mais de 30 anos em relação à fome, a menor renda em uma década e uma inflação que derrete os salários dos trabalhadores.

Num país em que mais de 38% sobrevivem com apenas um salário mínimo, as cenas nos grandes centros urbanos são de verdadeiros campos de refugiados, com milhares de sem-teto. Situação que, inclusive, tende a se acirrar com a liberação dos despejos parcialmente proibidos durante a pandemia.

Essa guerra tem um nome: capitalismo. O sistema capitalista faz com que o imperialismo, os banqueiros e a subserviente burguesia brasileira, com seus governos, aumentem ainda mais a superexploração e a opressão contra o povo. O que está em disputa é parte cada vez maior da riqueza produzida pela classe trabalhadora, roubada pelas grandes empresas e multinacionais. O aumento da exploração através do desemprego, do rebaixamento dos salários, da inflação, da carestia e da precarização é o objetivo dessa disputa.

De um lado, um número recorde de pessoas passando fome, inflação e carestia, de outro, 20 novos bilionários surgidos em plena pandemia, compondo o seleto grupo de 62 super-ricos no país, segundo a Forbes, com uma fortuna estimada em R\$ 600 bilhões. Fortunas geradas, incrementadas e mantidas justamente pelo aumento dessa superexploração.



BARBÁRIE AVANÇA

O outro lado dessa guerra não é tão silencioso. Os brutais assassinatos do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Phillips são expressão do avanço predatório das madeiras, mineradoras e do agro, sob as bênçãos e proteção do governo Bolsonaro. A tortura e execução de Genivaldo, em Sergipe, assim como a chacina na Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, são mostras do extermínio do povo e da juventude negra.

A realidade é que esse governo acelera e aprofunda uma decadência que não é de hoje. Se nos governos do PT houve um ciclo de aumento nas commodities que permitiu algumas concessões como o Bolsa Família, isso se deu às custas do retrocesso de parte dos trabalhadores assalariados “remediados” e de parte da classe média. Houve um achatamento nos salários, os problemas estruturais se mantiveram, como o saneamento que, após 13 anos de

governo, continua não chegando à metade do povo. Do outro lado, os bilionários, o agronegócio e os bancos “nunca lucraram tanto”.

Bolsonaro chega como reflexo da crise e do retrocesso pelo qual passa o país, ao mesmo tempo que o aprofunda. Ele não só produz a barbárie, como é resultado dela. Sob o seu governo, as perdas se generalizaram, todas as frações da classe trabalhadora e boa parte da classe média perdem com sua política ultraliberal de entrega do país, aumento da exploração a serviço dos banqueiros e multinacionais.

A CLASSE TRABALHADORA PODE VENCER ESSA GUERRA

O governo avança numa política de terra arrasada. Privatiza a Eletrobras, ataca a Petrobras para proteger os lucros e dividendos bilionários dos grandes acionistas, ao mesmo tempo que prepara a sua entrega direta aos megaspeculadores. No caso da empresa de energia, incentiva os trabalha-

dores a comprarem ações, mas quem controla isso tudo são os banqueiros. O pouco que você pode lucrar com uma ação da Eletrobras vai pagar o dobro na conta de luz.

Nessa guerra, a classe trabalhadora precisa virar o jogo, se organizar e cerrar fileiras na luta contra a exploração. Se as nossas perdas se assemelham às de uma guerra, nossa luta precisa ser à altura. Precisamos acabar com a inflação e a carestia. Impor, pela luta, um gatilho automático. Aumentou o preço do arroz ou da gasolina? Aumenta também o salário.

Temos que aumentar os salários, dobrar o salário mínimo rumo ao mínimo do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), revogar por completo as reformas trabalhista e da Previdência. Impor o congelamento dos preços e estatizar, sob o controle dos trabalhadores, as grandes redes de supermercado. Nessa guerra pela riqueza que nós

mesmos produzimos, exigimos só o que é o nosso. Reestatizar por completo a Petrobras, construída pelo trabalho do povo brasileiro, e colocá-la para funcionar de acordo com os interesses da população, assim como a Eletrobras.

Para isso, é preciso organização, confiar na própria força da nossa classe. Como estar junto do inimigo que quer manter esse roubo e exploração contra nós mesmos? E precisamos ainda avançar num projeto socialista e revolucionário, que acabe com esse regime de exploração que nos relega à fome e à miséria. Sabemos que Lula e Alckmin não representam ou avançam num projeto assim. Basta lembrar que o ex-ministro do Meio Ambiente de Bolsonaro, Ricardo Salles, o qual ajudou a desmontar órgãos como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e Fundação Nacional do Índio (Funai), que perseguiu gente como o indigenista brutalmente assassinado, foi ex-secretário de Alckmin.

O projeto da chapa Lula-Alckmin é governar com a burguesia e o imperialismo. Mas nessa guerra não existe neutralidade. Se está do lado dos banqueiros, do agronegócio e das multinacionais, está do outro lado da trincheira, atacando-nos. Está do lado dos bilionários e dos super-ricos.

A pré-candidatura de Vera, do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário, quer ajudar a organizar o batalhão da classe trabalhadora nessa guerra, que é uma guerra de vida ou morte contra a exploração, a opressão e a barbárie. E parte disso é defender a independência de classe, ganhar o máximo possível de gente para o nosso programa e o nosso projeto, convencendo que a classe trabalhadora, que produz todas as riquezas, é quem pode de fato governar para si.

PARADA DO ORGULHO

As LGBTI+s querem viver, explodir o armário e o capitalismo

DEBBIE LEITE E GABRIELA HIPÓLITO,
DA SECRETARIA NACIONAL LGBTI+ DO PSTU

Três milhões de pessoas tomaram a Avenida Paulista no último domingo, dia 19 de junho, na Parada do Orgulho LGBTI+. Entre a música e a festa tão esperadas, após dois anos em que a pandemia impediu o evento, era visível a revolta contra a miséria e a violência vividas pelas LGBTI+s, expressa nos gritos de “Fora Bolsonaro!”

GOVERNO DA FOME E DO ÓDIO

O país palco da maior Parada do Orgulho do mundo também é o que mais mata LGBTI+s, principalmente pessoas trans. Quando não são os crimes de ódio, é a fome, o desemprego ou o adoecimento mental que nos tira a vida.

Bolsonaro não foi apenas negligente, mas incentiva a intolerância e o ódio. Foi também o responsável pelo au-

mento do custo de vida e a precarização, que atingem com mais força os setores oprimidos da classe. Assim, não restam dúvidas que esse governo é nosso principal inimigo.

VOTAR COM ORGULHO É APOIAR UM PROJETO SOCIALISTA

Apesar da revolta expressa pela multidão nas ruas, a política da organização da Parada está longe de representar essa luta. Com o tema “Vote com Orgulho, por uma política que representa”, a direção da Parada queria canalizar toda essa revolta para as eleições, como se fosse possível derrotar o projeto autoritário e LGBTIfóbico de Bolsonaro apenas com o voto.

Não será um “voto útil” em Lula/Alckmin, aliado a empresários e banqueiros, que mudará nossa vida. Não

podemos esquecer dos 13 anos de governos petistas, que, em nome da governabilidade, abandonaram nossas reivindicações, engavetando o Projeto de Lei (PL) 122 que criminalizava a homofobia e vetando o kit anti-homofobia nas escolas.

Nas últimas eleições houve recorde de candidaturas LGBTI+ disputando uma vaga no Parlamento. É verdade que, apesar de os setores oprimidos serem uma maioria na sociedade, nos espaços de poder somos uma ínfima minoria, excluída. Porém, perguntamos, com qual programa e estratégia é útil ocupar esses espaços?

A vereadora Erika Hilton (PSOL-SP), recordista de votos e reconhecida ativista trans, é uma das responsáveis pela mercantilização dos nossos espaços de luta, trazendo trios de boates e empresas supostamente friendlys à Parada e para a Feira Trans.



Nós, do PSTU, apresentamos candidaturas através do Polo Socialista e Revolucionário, pois acreditamos que o empoderamento das LGBTI+s não se dará pela ascensão individual.

A professora Flávia, pré-candidata a vice-governadora, deixou o recado: “Precisaremos seguir na luta, junto da nossa classe, para enfrentar o

desemprego, a fome e a miséria. E para isso, não vai ter mágica, não basta votar na urna e esperar que tudo se resolva, a gente precisa desconfiar dessas promessas. A nossa vida só vai mudar quando a nossa classe, com os setores oprimidos, mulheres, negros e negras, LGBTI+s, fizermos uma revolução neste país.”

MUDAR A REALIDADE

Nossa voz ecoará das ruas

Nós, LGBTI+s, somos um dos setores mais marginalizados no capitalismo. E sabemos que, diante das profundas crise e barbárie, qualquer conquista é uma vitória. Contudo, cada conquista pode retroceder a qualquer momento enquanto vivermos nesse sistema de opressão e exploração, em que os lucros dos

capitalistas estão acima das nossas vidas.

É crucial que as LGBTI+s tenham emprego, moradia, estudo, saúde pública e o mais importante: o direito a viver. Mas mesmo esses direitos tão básicos não serão garantidos plenamente através dessa falsa democracia. A aparente inclusão propagande-

ada por aqueles que lucram com o “mercado pink” na verdade mascara um sistema que não pode ser reformado. Isso é o que mostram os dados sobre as mortes violentas de LGBTI+s: um aumento de 33% em 2021; assim como a situação da mulher no mercado de trabalho: em dois anos de pandemia, 30 anos de re-

trocesso nos postos de trabalho e direitos.

Para uma transformação real de nossas vidas precisamos unir forças e lutar com uma política independente e revolucionária. Foi nesse marco que constituímos nosso bloco na concentração da Parada, com panfletos, intervenções, palavras de ordem e muita música.



RESGATAR STONEWALL

Explodir o armário e o capitalismo



Infelizmente, a apropriação pelas empresas e boates tem transformado a Parada num verdadeiro festival de privatização e marketing. Até os trios elétricos carregam o nome das empresas que a financiam: Amstel, Burger King, Vivo. A Prefeitura, pouco preocupada

com nossos direitos ao longo do ano, muito se importa com a verba do turismo que circula durante o evento, e é por isso que também o financia.

É preciso resgatar a história das Paradas que surgiram tendo como referência a Revolta de Stonewall, quando em um bar em

Nova York centenas de LGBTI+s, em sua maioria negras e imigrantes, resistiram bravamente por quatro dias contra a repressão policial e por liberdade sexual.

É necessário retomar esse espírito de luta e ir além, pois não existe “política que representa” dentro do capitalismo,

esse sistema de desigualdade e exploração. Só teremos direito à mais plena liberdade de expressar nossa orientação sexual e identidade de gênero construindo uma sociedade socialista!

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XNSLRO](https://bit.ly/3XNSLRO)

ELEIÇÕES 2022

Pré-candidaturas do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário são lançadas no Distrito Federal, Pará, Maranhão e Piauí

ROBERTO AGUIAR DE SALVADOR (BA)

O PSTU e o Polo Socialista e Revolucionário estão realizando atividades de lançamentos das pré-candidaturas nos estados. Os eventos têm contado com a participação de Vera, pré-candidata à Presidência do Brasil.

DISTRITO FEDERAL

Dezenas de pessoas participaram do ato de lançamento das pré-candidaturas do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário no Distrito Federal, realizado no dia 31 de maio último, na zona norte da Capital Federal. Trabalhadores de diversas categorias marcaram presença na atividade que oficializou o nome do professor Robson como pré-candidato a governador para enfrentar Ibaneis Rocha (MDB) e as alternativas de conciliação de classes.

Robson é professor da rede pública do Distrito Federal e militante do PSTU. “Nossa pré-candidatura tem a tarefa de denunciar e enfrentar a política de Ibaneis Rocha (MDB), candidato à reeleição e fiel aliado de Bolsonaro. Mas, também é fundamental enfrentar as alternativas de conciliação de classes capitaneadas pelo PT”, pontua ele.

No evento, também foram anunciadas as pré-candidaturas de Elcimara a senadora, Tânia a deputada federal e Everton a deputado distrital.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3BJLWV8**

PARÁ

Nem o feriadão de Corpus Christi atrapalhou o lançamento das pré-candidaturas no Pará, na última quinta-feira, dia 16 de junho. Cerca de 200 pessoas lotaram o auditório do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém, numa tarde bonita de sol, para acompanhar a atividade que anunciou o nome do operário Cleber Rabelo como pré-candidato a governador do estado.

“O Polo Socialista e Revolucionário será a alternativa aos trabalhadores e ao povo pobre do Pará nestas eleições. Vamos apontar as saídas necessárias para resolver os problemas mais sentidos pela nossa classe. Chega de governo dos ricos e poderosos, precisamos de um governo socialista dos trabalhadores”, afirma Cleber.

A professora Benedita Amaral é a pré-candidata a vice. O professor Joãozinho Santiago, da Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST-PSOL), é o pré-candidato a senador. Seu Alex, operário da construção, é pré-candidato a deputado estadual. A jornalista Wellingtona Macêdo é pré-candidata a deputada federal.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/30GW7BD**

MARANHÃO

Cerca de 170 pessoas se fizeram presentes na atividade de lançamento das pré-candidaturas do Polo Socialista e Revolucionário no Maranhão, que ocorreu no Sindicato dos Bancários, na última sexta-feira, dia 17 de junho, em São Luís.

O professor e rapper Hertz Dias foi anunciado como pré-candidato a governador. Em sua fala, ressaltou o papel do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário na luta pela emancipação da classe trabalhadora e conectou os elementos da realidade nacional com o Maranhão.

“Apesar da vitória política de Flávio Dino sobre a oligarquia Sarney, a base de apoio de Dino são os mesmos grupos econômicos para os quais essa oligarquia governava. Não houve mudanças na estrutura social e econômica do estado, inclusive aumentaram as desigualdades e ampliaram-se de forma negativa os principais indicadores sociais”, ressaltou Hertz.

Foi lançada também a pré-candidatura do servidor público Saulo Arcangeli a senador. Daniel Pavão, presidente licenciado do Sindicato dos Vigilantes, e Preta Lu, artesã e militante do Movimento Hip Hop Quilombo Urbano, são pré-candidatos a cargos

de nível estadual. O professor

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/3QYM9UY**

PIAUI

Na última segunda-feira, dia 20 de junho, ativistas de diversas categorias marcaram presença no ato de lançamento das pré-candidaturas do Polo Socialista e Revolucionário no Piauí. O evento que oficializou o nome de Geraldo Carvalho, professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e ex-dirigente do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), a pré-candidato a governador foi realizado no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Rodoviários no Estado do Piauí (Sintetro).

“Nossas pré-candidaturas serão construídas coletivamente na construção de saídas para os problemas que os trabalhadores enfrentam no seu dia a dia. Nosso projeto é voltado ao explorados e oprimidos, contra os opressores e exploradores. Aqui não existe conciliação, porque projetos conciliatórios com a burguesia, como defende e faz o PT, têm sempre como resultado um governo a favor dos ricos e não dos trabalhadores, como estamos vivenciando hoje aqui em nosso estado”, destaca Geraldo Carvalho.

No ato foi apresentada a chapa completa dos pré-candidatos. Fran Silva, militante do Movimento Luta Popular, é a pré-candidata a vice-governadora; o professor das redes municipal e estadual da educação, Gervásio Santos, é o pré-candidato a senador; o agricultor familiar e também ativista do Movimento Luta Popular, Tibério César, é pré-candidato a deputado federal; e a professora da rede estadual de educação e ativista da oposição sindical Educação Conlutas, Yara Ferry, é pré-candidata a deputada estadual.

**LEIA NO SITE:
HTTPS://BIT.LY/30E3LBP**



Lançamento de candidatura no Distrito Federal.



Lançamento de candidaturas no Piauí. - Foto: Valdeck Lopes.



Lançamento das candidaturas no Maranhão reúne ativistas no sindicato dos bancários.



Lançamento de candidaturas no Pará.

LUZ VAI FICAR MAIS CARA

Privatização da Eletrobras é ataque à soberania energética do Brasil

**DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO (SP)**

No dia 9 de junho, Bolsonaro conseguiu realizar a maior privatização de seu governo: a da Eletrobras. A empresa foi vendida por R\$ 33,7 bilhões e agora a União não é mais acionista majoritária, e não pode determinar os rumos da maior empresa responsável por geração de energia no país.

A geração e a distribuição de energia elétrica vêm passando por ataques recorrentes nas últimas décadas. Várias empresas de distribuição de energia, que é um serviço de competência dos estados, já foram privatizadas. Essas empresas lideram, ano após ano, o ranking de reclamação de usuários no Procon.

CONTA MAIS CARA

A privatização da Eletrobras é feita agora com a velha desculpa de que dinamizará o setor, melhorará os servi-

ços e reduzirá a conta de luz. Nada mais mentiroso. Toda uma parte do sistema elétrico brasileiro já está privatizada. A maioria das empresas estaduais de distribuição de energia já foi entregue para a iniciativa privada e, ao invés de melhorarem os serviços, o que existe é uma piora.

Em São Paulo, por exemplo, a multinacional italiana Enel administra a distribuição de energia elétrica. Os registros do Procon-SP mostram que esta foi a segunda empresa com maior núcleo de reclamações em todo o ano de 2021. Foram mais de 10 mil reclamações contra ela, sendo quase 8 mil relacionadas a cobranças indevidas; a grande maioria, contudo, ficou sem solução.

APAGÃO DO AMAPÁ

Um caso escandaloso, que demonstra o erro de entregar um setor estratégico como a geração e a distribuição de energia para empresas privadas, aconteceu re-

centemente no Amapá. Em 2020, o estado viveu 22 dias de apagão causado por falhas nos geradores da empresa privada que administrava a distribuição de energia, a espanhola Isolux Corsán. O caso criou uma situação de barbárie para cerca de 750 mil pessoas no Amapá, que passaram semanas sem energia elétrica, comunicação, com dificuldades no fornecimento de água e vários outros problemas econômicos e sociais gerados pelo apagão.

A SITUAÇÃO DA ELETROBRAS HOJE

Fundada em 1962 pelo então presidente João Goulart, a Eletrobras é hoje a maior empresa de energia elétrica da América Latina. Com 105 usinas e mais de 150 mil quilômetros de linhas de transmissão, detém 44% do sistema de transmissão e quase um terço da capacidade instalada de geração de energia do país.

Uma das grandes empresas brasileiras, em 2021, a Eletrobras faturou R\$ 44,4 bilhões



e teve lucro líquido de R\$ 5,7 bilhões. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), no período de 2000 a 2020, a Eletrobras repassou para a União R\$ 19,3 bilhões em dividendos. A empresa vem sendo sucateada para favorecer a privatização. Isso se reflete, por exemplo, na

redução dos investimentos e do número de funcionários. Em 2011 a Eletrobras tinha 28.544 funcionários, reduzindo esse número para 13.803 trabalhadores em 2020, quase 15 mil funcionários a menos em nove anos.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3NANHQS](https://bit.ly/3NANHQS)**

SEGURA O ROJÃO

Privatização vai aumentar a sua conta de energia

Bolsonaro e Paulo Guedes estão alardeando que a privatização da Eletrobras vai baixar o preço da energia. Isso é mentira. A tendência é que os serviços piorem, prin-

cipalmente nas regiões mais distantes e de menor densidade demográfica, e as contas subam ainda mais.

Segundo o Dieese, de 1995 a 2019 a inflação su-

biu 458,28%, já a conta de luz aumentou 1.020,09%. O gasto com energia elétrica comprometia 1,3% do orçamento das famílias em 1995, e passou a represen-

tar 5,08% do gasto mensal em 2020. A Associação dos Engenheiros e Técnicos do Sistema Eletrobras (Aesel) prevê um aumento de 14% na conta de luz do-

miciliar, como impacto da privatização, e a Associação de Grandes Consumidores Industriais de Energia (Abrace) calcula um aumento de 10%.

O QUE FAZER

Um programa socialista para o setor de energia



A privatização da Eletrobras é um verdadeiro ataque à soberania energética nacional. É reflexo de um governo e de uma burguesia nacional capacho, que não se importa em ser sócia menor de grandes empresas e fundos de investimento internacionais que vão tomando o controle de setores estratégicos da economia brasileira.

É preciso acabar com a farra das empresas privadas, muitas delas estrangeiras, no controle do setor elétrico brasileiro. A privatização da Eletrobras deve ser anulada e não só, a empresa precisa se tornar 100% estatal e controlada pelos trabalhadores e pelo povo pobre brasileiro, que são quem mais sofre com os aumentos da conta de luz. O mesmo deve ser feito com

as companhias estaduais de distribuição de energia.

Com uma empresa 100% estatal com controle operário e popular seria possível reduzir as tarifas, porque não serviria para gerar lucro para meia dúzia de bilionários enriquecerem ainda mais. Também seria possível garantir uma tarifa social mínima para os que ganham menos e tarifa zero para os desempregados.

AUMENTO DA GASOLINA

Governo e centrão abrem fogo contra Petrobras para manter aumentos e lucros bilionários dos banqueiros

Troca-troca de diretoria e ataques visam segurar preços até eleições e privatizar 100% a estatal

 DA REDAÇÃO

Enquanto fechávamos esta edição, mais um presidente da Petrobras caía. José Mauro Ferreira Coelho renunciou ao cargo poucos dias após o anúncio de mais um aumento dos combustíveis, desta vez de 14,26% no diesel e 5,18% na gasolina. É o quarto presidente a ser rifado da estatal só no mandato de Bolsonaro.

A divulgação da nova rodada de aumentos fez Bolsonaro esbravejar contra a empresa. “A Petrobras pode mergulhar o Brasil num caos”, tuitou. Já o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), chefe do centrão e quem de fato manda no Orça-

mento da União, escreveu um artigo violento na Folha de S. Paulo atacando a estatal: “Se a companhia decidir enfrentar o Brasil, ela que se prepare: o Brasil vai enfrentar a Petrobras.”

Esse teatro que finge indignação junta Bolsonaro e o centrão e tem a Petrobras como alvo. A intenção é tão evidente quanto canalha: botar toda a culpa pela escalada dos preços dos combustíveis na empresa e tirar o corpo fora. Até mesmo uma “CPI da Petrobras” foi aventada por essa turma, até que alguém parece ter feito uma ressalva: “Espere um pouco, fomos nós do governo que indicamos o presidente e a maioria dos diretores.” A ideia, então, parece abortada por hora.

De resto, esses ataques visam minar a confiança da empresa com vistas à sua privatização num futuro não tão longínquo, entregando diretamente a empresa aos megaspeculadores.

PRESSÃO ELEITOREIRA

A pressão do governo Bolsonaro não tem nada a ver com a escalada inflacionária no preço dos combustíveis e a alta no custo de vida que isso acarreta ao povo. Pretende apenas segurar momentaneamente os preços até as eleições. É como o Paulo Guedes sugeriu aos supermercadistas: segurem aí até as eleições, depois podem liberar à vontade.

Bolsonaro sabe que a inflação, que chega a quase 12% no



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3OSTOSO](https://bit.ly/3ostoso)

acumulado dos últimos 12 meses, e que na cesta básica se aproxima dos 30%, é um dos, se não o maior, fatores de desgaste junto à população. E, para estancar pelo menos parte disso, ele vai fazendo seu troca-troca de dire-

tores e presidentes. Ao mesmo tempo, vocifera de forma cínica contra os lucros exorbitantes da Petrobras para fazer parecer que não tem nada com isso, quando, na verdade, serve aos mesmos bilionários que critica na imprensa.

VALOR DO SUBSÍDIO

Meia Eletrobras para os banqueiros e investidores de Nova York

A verdadeira razão para a sucessiva alta nos preços dos combustíveis não é a corrupção ou as mordomias de seus diretores (que são reais), a maioria indicada pelo governo, aliás. Mas a maior das corrupções, e da qual Bolsonaro é cúmplice e servçal: os lucros bilionários dos investidores estrangeiros que detêm a maior parte das ações da empresa, em Nova York. No mesmo dia que caía mais um presidente da empresa, a Petrobras anunciava a distribuição de R\$ 24,2 bilhões em dividendos aos acionistas.

A favor dos banqueiros e do grande capital estrangeiro, Bolsonaro mantém a política de Preço de Paridade de Importação (PPI), que impõe, aqui, os preços em dólar do petróleo no mercado internacional. Isso é o que faz com que a Petrobras tenha um lucro seis vezes maior que as maiores petrolíferas no mundo, às custas da inflação, da carestia e do avanço da pobreza para a população.

E é por isso que o governo, de olho nas eleições, corre desesperado para minimizar o impacto da inflação dos combustíveis, sem, no entanto, tocar nos lucros dos acionistas bilionários. Medidas como subsídios localizados a caminhoneiros, vale-gás e, o que está mais avançado, a chamada PEC dos Combustíveis,

que reduz impostos federais e estaduais e destina, só neste ano, R\$ 46,4 bilhões em compensação.

Funcionaria da seguinte forma: os combustíveis continuariam sendo vendidos aqui com os preços nas alturas, a redução nos impostos diminuiria uma pequena fração do valor que chega na bomba, e esse fundo compensaria parte do que deixaria de ser arrecadado. Na prática, o governo daria metade do valor arrecadado com a venda da Eletrobras para os megaspeculadores da Bolsa de Nova York, e ainda diminuiria recursos para áreas como saúde e educação.

E, para piorar, bastaria um pequeno aumento no preço internacional do petróleo, ou uma leve mudança no câmbio, e os impactos nos preços finais da gasolina, do diesel ou do gás de cozinha seriam nulos. E os megainvestidores continuariam embolsando metade de uma Eletrobras.

Não existe gambiarra para conter os preços do combustível e do gás de cozinha. É preciso enterrar o PPI, tomar a Petrobras do controle dos grandes acionistas e torná-la 100% estatal, sob o controle dos trabalhadores. Sem os lucros exorbitantes que vão para os bolsos dos banqueiros e investidores, teríamos gasolina a R\$ 2,40, e ainda com lucro.

Petrobras tem 290% de lucro no litro da gasolina para enriquecer acionista estrangeiro

Veja componentes de preços do litro de gasolina – entre 17 e 23 de abril de 2022

Gasolina/litro baseado no PPI		
	R\$/LITRO	% DO PREÇO TOTAL
ICMS	1,75	24%
DISTRIBUIÇÃO E REVENDA	0,88	12%
CUSTO DO ETANOL ANIDRO	1,14	16%
CIDE E PIS/PASEP E COFINS	0,69	9%
REALIZAÇÃO PETROBRAS	2,81	39%
PREÇO TOTAL LITRO GASOLINA	7,27	100%

Fonte: Elaboração Petrobras a partir de dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (Cepea/USP), baseada nos preços médios realizados pela Petrobras (gasolina A) e ao consumidor final (gasolina C) nos 26 estados e no Distrito Federal

Como seria com Petrobras 100% estatal a serviço do povo

Simulação de preço com a empresa tendo 30% de lucro em cada litro de gasolina

SIMULAÇÃO PREÇO GASOLINA/LITRO – LUCRO 30% PETROBRAS baseado nos custos internos da empresa no Brasil		
	R\$/LITRO	% DO PREÇO TOTAL
ICMS	0,58	24%
DISTRIBUIÇÃO E REVENDA	0,29	12%
CUSTO DO ETANOL ANIDRO	0,38	16%
CIDE E PIS/PASEP E COFINS	0,22	9%
REALIZAÇÃO PETROBRAS	0,93	39%
PREÇO TOTAL LITRO GASOLINA	2,40	100%

Fonte dos elementos para composição de preços do litro de gasolina: Elaboração Petrobras a partir de dados da ANP e do Cepea/USP, baseada nos preços médios realizados pela Petrobras. Fonte para cálculos do preço de custo de produção e refino 2021: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

SEGURANÇA

Bolsonaro é o culpado pelos a

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Dói na alma assistir o vídeo de Bruno Pereira entoando cânticos indígenas no meio da floresta. Um dos mais talentosos indigenistas do país, dedicado na defesa dos povos originários, especialista em povos isolados, foi exonerado pela chefia da Fundação Nacional do Índio (Funai) em 2019 por fazer seu trabalho com excelência: ter coragem de conduzir uma operação que expulsou centenas de garimpeiros da Terra Indígena Yanomami, em Roraima.

Bruno e o jornalista inglês Dom Phillips, colaborador do jornal The Guardian, foram brutalmente assassinados no Vale do Javari, no Amazonas, quando registravam a ação de garimpeiros, traficantes, caçadores e pescadores ilegais em território indígena. O crime foi cometido por Amarildo da Costa de Oliveira, o “Pelado”, seu irmão Ozinei da Costa Oliveira e pelo menos mais cinco homens.

Bruno ajudava uma equipe de vigilância da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja). Ajudou a produzir documentos com relatos de invasão, apontando a presença de grupos armados, denunciando

ameaças e até ataques a tiros contra indígenas. Um relatório foi entregue ao Ministério Público Federal de Tabatinga, à Força de Segurança Nacional, sediada na região, e à própria Funai. O documento chegou até mesmo a mencionar o nome de Pelado. Mas nada foi feito.

Há dois anos e meio, Maxciel Pereira dos Santos, colaborador da Funai em Tabatinga, foi assassinado por pistoleiros. O crime ainda ficou impune e todos sabiam que novas execuções seriam uma questão de tempo. E a razão foi explicada pelo próprio ofício assinado por Bruno: o desmonte da Funai, os sucessivos cortes orçamentários e o enfraquecimento da fiscalização que atiraram os criminosos. “Antes, os invasores se evadiam ao avistar as equipes [de vigilância]. Nos últimos anos, porém, a realidade passou a mudar de forma gradativa, caracterizada pela presença cada vez maior de audácia e violência”, citava o documento entregue à Defensoria Pública da União (DPU).

As buscas ao desaparecimento de Bruno e Dom só ganharam agilidade após forte pressão internacional. Mas Bolsonaro e o presidente da Funai não deixaram de lançar uma sórdida tentativa de desmoralização das vítimas, como um

Desaparecidos na Amazônia

Indigenista e jornalista inglês sumiram na região do Vale do Javari



perfume barato borrifado no ar para atirar sua caterva. O primeiro disse que seriam “aventureiros” em terras perigosas e depois, que Dom Phillips era “malvisto na região” – na sua já tradicional linha de plantar fake news e culpar as vítimas. E o segundo falou que o indi-

genista e o jornalista inglês não tinham autorização para ingressar na Terra Indígena Vale do Javari. Em nota, a Univaja rebateu a Funai e disse que Bruno tinha licença para entrar em território indígena, explicando que ele havia saído da terra indígena para se encontrar com

Dom Phillips, que nunca pisou na TI. Ambos, aliás, desapareceram fora dela. Em protesto contra as declarações do presidente da Funai, servidores da fundação realizaram uma greve de 24 horas (no último dia 15 de junho) exigindo sua retratação sobre as falsas informações.

DESMONTE

Bolsonaro: “Vou dar uma foiçada na Funai”



Nabhan Garcia, da UDR, junto com Bolsonaro desmantelaram a Funai em prol do latifúndio.

“Se eleito, eu vou dar uma foiçada na Funai, mas uma foiçada no pescoço. Não tem outro caminho. Não serve mais”, declarou Bolsonaro em agosto de 2018, em plena campanha presidencial.

A “foiçada” começou com a nomeação do delegado da Polícia Federal Marcelo Xavier para a presidência da Funai, um laiaço do pecuarista Nabhan Garcia, ex-chefe da União Democrática Ruralista (UDR). Hoje Nabhan é secretário especial de Assuntos Fundiários do governo federal, órgão do Ministério da Agricultura.

Com a foice na mão, o delegado Xavier reduziu em 40% a verba da Funai. Paralisou 620 processos de demarcação de terras indígenas que se encontravam na fase inicial. Encalhou mais 117 processos que estavam na fase final de homologação da Presidência da República e passou a perseguir inúmeros servidores, como Bruno.

Além disso, a Funai foi aparelhada por militares em busca de uma boquinha. Houve substituições de servidores concursados por militares das Forças Armadas e policiais. Das 39 co-

ordenações regionais da Funai, apenas duas são dirigidas por funcionários concursados. No Vale do Javari, por exemplo, o responsável era um tenente da reserva do Exército que chegou a dizer que iria “meter fogo” em indígenas isolados.

Além de boquinhas e cargos no poder, os militares estão de olho em conquistar alguma sociedade na garimpagem na Amazônia. Há suspeitas de que o general Mourão e outros militares estejam se associando a projetos de mineração na região. Os militares aparelha-

Assassinatos de Bruno e Dom

dos na Funai estão fazendo prospecção mineral em Terra Indígena da Amazônia.

Mas a aparelhagem também obedece às demandas da velha e infame UDR. Com a publicação da Instrução Normativa nº 9/2020 da Funai, Na-

bhan Garcia conseguiu que o presidente da fundação apagasse do Sistema de Gestão Fundiária (Sigef) as terras não homologadas, em processo de demarcação, e áreas de indígenas isolados, além de terras devolutas da União. Isso impos-

sibilitou constatar a sobreposição de terras de proprietários privados em terras indígenas. Isso possibilita que os 237 territórios que ainda passam por processo de demarcação possam ser vendidos e loteados.

A “foiçada na Funai” pro-

movida por Bolsonaro enfraqueceu a proteção aos indígenas e atçou criminosos e milicianos. Todos esfregaram as mãos e viram uma oportunidade para invadir terras indígenas, matar lideranças, funcionários da Funai e até jor-

nalistas internacionais. “Esses homens [criminosos e bandidos] se sentem protegidos pela Presidência da República”, explicou Sydney Possuelo sobre invasores de terras indígenas em entrevista ao programa Roda Viva do dia 13 de junho.

VIOLÊNCIA

Uma política de extermínio indígena

Desde sua campanha eleitoral, Bolsonaro dizia que não demarcaria sequer um milímetro de terras indígenas. Em várias oportunidades, ele se colocou contra os direitos dos povos originários, defende a tese do marco temporal e a garimpagem em terras indígenas. Junto com o Congresso, o governo prepara o “pacote da destruição”, um ataque de proporções históricas contra o meio ambiente, os povos da floresta e toda a população.

Sua política deve ser classificada como de extermínio dos povos originários, e ele deixou isso bem claro em entrevista ao Correio Braziliense, em 12 de abril de 1998: “Pena que a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto a americana, que exterminou os índios.”

Não por acaso que entre 2020 e 2021 o número de conflitos no campo explodiu, sendo o maior em 35 anos. Apenas o número de assassinatos cresceu



Garimpo em terras dos Yanomamis em Roraima.

75%, segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT). A maior parte na Amazônia, envolvendo indígenas, quilombolas, ribeirinhos, camponeses, indigenistas, ambientalistas e ativistas.

Há anos a Terra Indígena Vale do Javari vem sofrendo ataques de madeireiros, pescadores, caçadores garimpeiros e traficantes, que agem de forma consorciada. Em geral, um crime lava o dinheiro do outro e banca, financia, todo o esquema que tem profundas ramificações com agentes públicos de

segurança, políticos locais, comerciantes e autoridades.

Há muitos outros casos de aumento de violência na Amazônia. Só o garimpo ilegal provocou nove mortes em 2020 e 109 em 2021, o que significa um aumento de 1.110%. Das 109 mortes em 2021, 101 eram de indígenas Yanomamis de Roraima. A explosão da garimpagem na Terra Indígena Yanomami também tem o dedo do crime organizado. Segundo indígenas e investigações da PF, os garimpeiros são dirigidos pelo PCC e



Protesto realizado em SP contra o assassinato de Bruno e Dom.

estão fortemente armados. É o narcogarimpo expandindo seus tentáculos na Amazônia.

Na cidade em que foi assassinada em 2005 (época em que Lula era presidente) a missionária Dorothy Stang, cresce o ataque aos trabalhadores rurais e indígenas de Anapu (PA), com assassinatos, prisões e ameaças de morte, e Erasmo Teófilo, presidente da Cooperativa de Agricultores da Volta Grande do Xingu, está na mira da escopeta.

Diante dessa situação, é urgente a tarefa da autodefesa do

movimento indígena e camponês para garantir suas vidas e territórios. Movimentos sociais urbanos e sindicatos devem prestar todo apoio a essa luta. Ao mesmo tempo, faz-se necessária uma grande campanha, no Brasil e no exterior, em defesa dos povos da floresta, denunciando Bolsonaro e o agrogarimpo, inclusive com boicotes de produtos fruto da destruição da Amazônia.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3YCKPED](https://bit.ly/3YCKPED)

CIVILIZAÇÃO DO CAPITAL

Violência e barbárie na Amazônia são provocadas pela expansão capitalista

Se, conjuntamente, toda essa violência está relacionada ao ambiente político proporcionado por Bolsonaro, do ponto de vista estrutural ela é explicada pelo avanço do capitalismo na Amazônia. Ao longo da história, as populações indígenas quase

sofreram um completo extermínio. Suas terras foram roubadas, assim como enormes extensões de terras públicas ainda são usurpadas e transformadas em “propriedade privada” de grandes fazendeiros. A região foi palco de inúmeros projetos

de exploração minerária (ouro, baixita, ferro etc.) que só enfiaram os bolsos dos capitalistas; também de grandes projetos hidroelétricos que sequer servem para suprir a demanda de energia, tal como a usina de Belo Monte, idealizada pela di-

tadura, mas construída pelo PT. Isso explica a existência do trabalho escravo na região (inclusive entre garimpeiros); o desmatamento e os incêndios florestais que são formas da expansão da propriedade privada da terra; o colapso social das comuni-

dades tradicionais, ou de parte delas; a desumanização e o racismo contra indígenas, quilombolas e camponeses da floresta. Enquanto o capital existir, a floresta, sua população e a humanidade continuarão sendo ameaçadas.

PARA MUDAR O MUNDO

Marxismo: das ciências humanas à crítica da ciência burguesa

GUSTAVO MACHADO,
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA

Neste artigo encerramos a série a respeito das concepções burguesas. Em nove números anteriores do jornal Opinião Socialista, tratamos de várias delas: das visões liberais, keynesianas, conservadoras, positivistas, pós-modernas, dentre outras. Neste artigo final não vamos tratar de nenhuma concepção burguesa particular. Antes, trataremos de alguns aspectos de fundo que caracterizam todas elas, bem como da diferença em relação ao marxismo.

TODAS AS CIÊNCIAS BURGUESAS SÃO ILUSÓRIAS

A rigor, não há ciência burguesa e nunca existirá. Ao menos, não uma ciência digna desse nome. E isso não acontece porque a burguesia e seus porta-vozes são burros. Essa ciência é simplesmente impossível. Não é possível racionalizar o capitalismo, pois ele é irracional. Não é possível controlar o capitalismo, porque ele é incontornável. Como diz Marx no prefácio de O Capital: “A economia política só pode per-

manecer ciência enquanto a luta de classes permanecer latente ou se revelar apenas em fenômenos isolados.”

MÚLTIPLAS FACES DO CAPITAL

Toda solução para os problemas do capitalismo, sem romper com ele, será, no melhor dos casos, provisória. Uma maior abertura do mercado exige, depois, a intervenção estatal para resolver os problemas do mercado. A intervenção estatal exige uma nova abertura do mercado para resolver os problemas da intervenção estatal. Toda solução será sempre uma falsa solução, uma “sinuca de bico”. Uma forma de jogar o problema para a frente, tornando-o ainda maior.

Nesse sentido, o keynesianismo não é o oposto do liberalismo. O conservadorismo não é o oposto do pós-modernismo. Essas concepções são diferentes. Não há dúvidas sobre isso. Podemos até considerar um ou outro elemento isolado como sendo pior ou melhor do que o do outro. No conjunto, contudo, todas estão a serviço da mesma finalidade: a perpetua-



Karl Marx e Friedrich Engels, os fundadores do materialismo histórico e dialético.

ção do capitalismo. Mais do que isso. O próprio capitalismo necessita, em situações e contextos históricos distintos, de uma ênfase maior em um ou outro dos elementos que o constituem. O capitalismo necessita tanto de liberais como de intervencionistas, tanto de pacifistas como de militaristas, tanto de conservadores como de reformistas.

CAPITALISMO COM ROSTO HUMANO NÃO EXISTE

O que é pior. Os mais perigosos são aqueles que defendem a manutenção do capitalismo por meio de reformas

e mudanças nesse ou naquele pormenor. Um capitalismo com rosto humano, com menos desigualdades, com mais distribuição de renda e por aí vai. Essas concepções estão mais bem situadas para ganhar setores da classe trabalhadora cada vez mais descontentes e massacrados pelo próprio sistema capitalista. Não são inimigos externos e declarados, mas inimigos internos e camuflados de irmãos.

Tanto é assim que se repasarmos todos os combates teóricos de Marx, raras vezes ele abre fogo contra autores positivistas ou liberais, abertamente

defensores do capitalismo. Sobre tudo no debate público. Ao contrário, seus oponentes principais são socialistas utópicos e reformistas que atuam no interior da classe trabalhadora, procurando iludi-la quanto à possibilidade de reformas e adequações duradouras no próprio capitalismo.

Eis que, nesse ponto, entra uma questão fundamental. Como o marxismo combateu historicamente esse emaranhado de concepções e ideologias que procuram iludir a classe trabalhadora? Iludir quanto às possibilidades do próprio capitalismo?

PARA ALÉM DAS ILUSÕES

A base material de todas as ideologias burguesas



Hayek (oliberal) junto com Keynes (defensor da intervenção do Estado na economia) foram os principais teóricos do pensamento burguês do século passado.

O que procuramos mostrar em todos os artigos anteriores é que as ideologias burguesas não pairam nas nuvens. Todas elas têm uma base material. É o próprio capitalismo que produz, objetivamente, a possibilidade das ilusões que as ideologias burguesas – incluindo as reformistas – produzem.

Os indivíduos aparecem objetivamente como átomos soltos no mercado. Parecem depender apenas de si mesmos e de seu mérito individual. O Estado aparece como algo separado dos indivíduos que compram e vendem no mer-

cado. Parece pairar acima dos indivíduos e das classes sociais, como se fosse algo neutro e independente, capaz de tudo gerir e conciliar de fora. Por isso, também parece ser possível resolver os problemas do mundo por meio de uma ciência de Estado, como quiseram os positivistas e, mesmo, os fascistas. Como o vínculo social entre as pessoas está apagado pela mediação do dinheiro, parecem existir apenas indivíduos com seus pensamentos independentes. Tudo parece ser uma questão de discursos e narrativas pro-

duzidos por indivíduos esperotos. Como o dinheiro parece controlar de fora toda riqueza e investimentos, parece ser possível resolver os problemas da sociedade emitindo dinheiro ou com política monetária. Parece... só que não.

Ao vincular e entender as diversas conexões reais desses modos de aparecer, tudo é subvertido e invertido.

Os indivíduos soltos no mercado, que compram e vendem, são a forma que o capitalismo precisa para comprar a força de trabalho e esfolá-la até a medula para produzir riqueza como



capital de uns poucos. O Estado aparece como separado, para garantir a igualdade formal entre os indivíduos que compram e vendem mercadorias. Ao fazê-lo, perpetua a diferença de conteúdo entre aqueles que possuem todos os meios de produção e os que só possuem a si mesmos. A diferença entre aqueles que podem vender as mercadorias de sua propriedade por meio de intermediários, sentados em sua mansão ou dirigindo sua Ferrari, e aqueles que só possuem a sua capacidade de trabalho para vender. Para seu azar, o trabalhador não pode separar sua capacidade de trabalho de seu corpo. Tem que ir com ela ao local de produção para que ela seja consumida, curtida e esfolada pelo capitalista que a comprou.

A separação da forma da riqueza de seu conteúdo, dinheiro da mercadoria, permite ao trabalho excedente da classe trabalhadora circular livremente entre os proprietários. Em seguida, ele é dividido en-

tre os capitalistas banqueiros, comerciais, proprietários de terra, acionistas etc.. Migram do Brasil para os bilionários no centro do imperialismo. E assim por diante.

É assim que se é verdade que as ilusões reformistas e burguesas possuem uma base material, o marxismo também possui. O capitalismo conduz os trabalhadores a se organizarem para lutar pelo emprego, pela manutenção da renda e em função da manutenção dos direitos já adquiridos ou por adquirir. Leva-nos a se reconhecerem como membros de uma classe social, membros da classe trabalhadora contraposta à classe dos patrões e dos empresários. O fracasso dos regimes e dos governos na eterna tentativa de aplicar uma dada ciência burguesa leva, em todos os tempos e lugares, multidões às ruas por não mais reconhecerem um dado regime e um dado governo como sendo seus. Por não mais os tolerarem.

NOSSOS OBJETIVOS

Os marxistas querem transformar a realidade

Quem vencerá essa batalha? Os marxistas ou os que querem conservar o capitalismo? Ora, como vimos, o resultado não está definido. Ambas as vias possuem uma base material e social. O resultado depende da nossa intervenção consciente no interior do processo. Marxistas não reclamam da realidade. O marxismo é uma ciência porque parte da realidade tal como ela é, procura compreendê-la. Identifica as possibilidades existentes para transformar a realidade.

A grande dificuldade para os marxistas é que as conclusões a que chegam não dependem de um ou outro aspecto isolado do capitalismo. Dependem que se conheça o capitalismo em sua totalidade, em suas conexões, superando a unilateralidade com que aparece. Os militantes marxistas devem estudar e conhecer o capitalismo a fundo. Esse é o grande desafio. Não apenas para fazerem disputas teóricas e ideológicas,

mas para conseguir intervir de modo a conduzir as ilusões que dominam as massas trabalhadoras à conclusão revolucionária e à necessidade de destruir o capitalismo.

A grande vantagem, contudo, é que os marxistas não têm nada a esconder, a ocultar. Podem chamar as coisas pelo nome, e não necessitam esconder seus interesses particulares em categorias gerais. Têm a seu favor as necessidades das massas trabalhadoras, cada vez mais ameaçadas pelo próprio sistema capitalista.

Para combatermos de modo consequente as concepções reformistas e diretamente capitalistas, precisamos, ainda, entender as bases materiais que fazem com que as ilusões burguesas de todos os tipos façam sentido na cabeça de milhões de trabalhadores. Sem isso, existirá um abismo entre o discurso e a realidade, entre a finalidade de destruir o capitalismo e

a consciência ilusória de que é possível resolver os problemas sociais que a todos afligem sem destruir o capitalismo. Para tal, não se deve ocultar o nosso programa e sua finalidade nem por um só segundo, tampouco deve-se reproduzir as ilusões, rebaixando a intervenção e o programa a elas. Mas deve-se dialogar com a classe para que ela possa tirar as conclusões corretas de cada processo, e não fazer imposições e ultimatos. Esse é o grande desafio do marxismo desde seu surgimento e continua a ser nos dias de hoje.

A questão central para a teoria marxista não é acadêmica, não está relacionada à observação e à previsão, mantendo uma postura neutra. Seu papel consiste na contribuição que faz em trazer o proletariado para a consciência de sua tarefa: a supressão do capitalismo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3BLPICN](https://bit.ly/3BLPICN)



RESENHA

A história do Brasil na ótica da luta de classes

NAZARENO GODEIRO, DE NATAL (RN)

Lançado em plena pandemia e logo esgotado, o livro “Revoluções e revoltas do povo brasileiro” acaba de ganhar sua primeira reimpressão.

São 15 episódios da luta de classes em 522 anos, em que se revela a natureza das classes sociais em luta, além dos mitos propagados pela burguesia para enganar o povo.

VIVER SEM CONHECER O PASSADO É ANDAR NO ESCURO

Essa frase revela uma verdade. Contudo, existe algo pior, que é conhecer o passado através da lente da classe dominante: princesas que libertam os escravos ou heróis nacionais, como Duque de Caxias, que afogou em sangue boa parte das revoltas do povo brasileiro e dizimou o povo paraguaio.

É o momento de conhecer os verdadeiros heróis e heroínas que resistiram por mais de 500 anos à invasão

estrangeira e que foram massacrados no maior genocídio conhecido pela humanidade.

Neste livro, derrubamos o mito de que a classe trabalhadora brasileira é fraca e covarde e, por isso, nunca fez revolução. A verdade é justamente o oposto: a burguesia sempre foi fraca, incapaz de garantir a independência do país, covarde diante do dominador estrangeiro, feroz para derrotar seu povo.

Este livro, portanto, não serve apenas para conhecer o passado, mas, principalmente, para revolucionar o presente e forjar o futuro socialista do país e do mundo.

A CONEXÃO ENTRE PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Quem conta a história desvinculando o passado e o presente quer esconder seus erros, ou pior, seus crimes.

Apenas para exemplificar: a riqueza do Itaú-Unibanco foi angariada com a exploração de escravos africanos nas fazendas de café de São Paulo, em aliança com a família Rockefeller, a

mais rica do capitalismo mundial. Hoje, esse banco quer aparecer como “filantrópico”, financiando partidos de “esquerda”.

Foi sintomático o pedido do Regente Diogo Feijó, em 17 de dezembro de 1835, oferecendo a Amazônia aos ingleses e franceses em troca da repressão à Cabanagem. Tudo a ver com a submissão de Bolsonaro ao capital internacional, como ficou patente na viagem de Elon Musk ao Brasil, onde o capitão-do-mato ofereceu o controle da Amazônia ao bilionário.

A burguesia brasileira afofou em sangue as experiências revolucionárias do seu povo, como fez no Arraial de Canudos, onde utilizou metade do Exército para exterminar 20 mil sertanejos no sertão baiano, que partilhavam a sua produção e riquezas entre todos. Qualquer semelhança com o genocídio indígena que está ocorrendo agora na Amazônia, como se evidenciou no assassinato de Dom Phillips e Bruno Pereira, não é mera coincidência.

Também pode se ver que a conciliação de classe com a



Cabanagem foi uma das revoltas mais populares do século 19



Revoltosos do Contestado posam para foto em 1916.

burguesia traíra levará à derrota da luta e mesmo a morte dos próprios conciliadores. Essa é a lição que ficou com o episódio de Ganga Zumba, líder do Quilombo dos Palmares, que preferiu se aliar com o Império português e abandonou a resistência: pouco tempo depois, a aristocracia burguesa rom-

peu o acordo e matou todos os guerreiros que tinham deposto as armas para conciliar com o inimigo. Qualquer semelhança com Dilma e Temer não é mera coincidência. Pior, agora se petete com Lula-Aleckmin.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XIMDSP](https://bit.ly/3XIMDSP)

O QUE O LIVRO TEM



15 episódios de lutas populares na história do Brasil

- 1 - 200 anos de resistência e genocídio indígena** (Nazareno Godeiro)
- 2 - O Quilombo dos Palmares e a resistência negra de 1597 a 1695** (Rosenverck Estrela)
- 3 - A resistência dos bravos índios “tapuias” contra a ocupação portuguesa no sertão nordestino de 1676 a 1692** (Deyvis Barros)
- 4 - Revolta dos Alfaiates (1798): a primeira tentativa de revolução burguesa no Brasil** (Ana Godoi)

- 5 - Pernambuco (1817): a revolução esquecida** (Guilherme Fonseca)
- 6 - Cabanada (1832-1835): quilombolas, índios e camponeses na luta por terra e liberdade** (Cilene Gadelha)
- 7 - A revolta dos malês (1835): o levante dos escravos muçulmanos na Bahia** (Wilson Honório da Silva)
- 8 - Cabanagem (1835-1840): uma revolução radical no coração da Amazônia** (Socorro Aguiar)

- 9 - A Revolução Farroupilha, de 1835 a 1845** (Pablo Biondi)
- 10 - Balaiada (1835 a 1841): resistência negra e sertaneja no Nordeste brasileiro** (Rosenverck Estrela)
- 11 - Canudos (1896 a 1897): A luta dos sertanejos pelo paraíso na terra** (Nazareno Godeiro e Deyvis Barros)
- 12 - Revolta da Vacina (1902): uma rebelião**

- contra o racismo e o tratamento desumano dos governos** (Dayse Oliveira Gomes)
- 13- Revolta da Chibata (1910): a rebelião dos marinheiros negros** (Elisa Guimarães)
- 14 - Guerra do Contestado (1912-1916): camponeses em guerra contra o exército** (Jeferson Choma)
- 15- O caldeirão de Santa Cruz do Deserto do beato Zé Lourenço** (Deyvis Barros)

EQUADOR

As massas voltam às ruas. Agora contra o banqueiro Lasso

**CESAR NETO,
DE SANTOS (SP)**

O Equador é um país de grande tradição de lutas. Ao longo dos anos 80 fizeram dez greves gerais. Nos anos 90, na onda privatizadora resistiu bravamente em defesa de suas estatais, mas não resistiu a abertura da economia e a consequente desindustrialização. No começo dos anos 2000, o povo derrubou um vice-presidente e três presidentes. Por isso se diz: Equador terra de vulcões e revoluções.

Em 2019 assistimos as gigantescas manifestações. No início da pandemia vimos os corpos serem incinerados nas ruas, e na política o fim do governo populista de Rafael Correa e a ascensão do governo direitista de Guillermo Lasso, um banqueiro, que como todo banqueiro tem uma história suja pelos negócios de assalto às riquezas do Estado. No último dia 16, começou mais um levantamento indígena e popular.

ANTECEDENTES DA MOBILIZAÇÃO

Logo após o início do governo Lasso, em maio de 2021, um setor do movimento indígena apresentou uma petição de 10 pontos e começaram a negociar entre eles. Os pontos eram: 1) redução e basta de aumentos dos combustíveis; 2) moratória de um ano no pagamento de dívidas ao sistema financeiro; 3) preços justos para os produtos agrícolas; 4) emprego e direitos trabalhistas; 5) não a mineração em terras indígenas e em fontes de água; 6) respeito aos 21 direitos coletivos; 7) não a privatização dos setores estratégicos;



8) políticas de controle e contra a especulação dos preços; 9) orçamento emergencial para saúde e educação; 10) geração de políticas públicas de segurança e proteção.

Muitos ativistas viram com desconfiança ou diretamente repudiaram essa negociação com um governo de extrema direita. Depois de um ano de negociação, sem nenhuma conquista e pressionados pela base, romperam com o governo e chamaram a mobilização.

AS ORGANIZAÇÕES DE LUTA

A classe trabalhadora sempre teve um papel de protagonista no país, porém com o processo de desindustrialização primeiro e, depois, com o sucateamento e privatização de parte do sistema elétrico

e petroleiro, os trabalhadores seguiram politicamente tendo importância, mas perderam peso social. Esse espaço foi paulatinamente ocupado pelo movimento indígena, onde se sobressaiu a CONAIE (Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador). Internamente está dividida em vários setores políticos, sendo o setor mais dinâmico os chamados “mariateguistas” do qual Leonidas Iza (atual presidente da CONAIE) é membro. Leonidas, preso nas manifestações, tinha sido o principal negociador com o governo.

As organizações sindicais estão há muitos anos esvaziadas fruto da desindustrialização e também por conta de uma burocracia completamente trai-

dora. Não aceitam unidade com o movimento indígena para não perder o protagonismo que já não têm. Pressionados pela base marcaram mobilizações para os dias 22 e 23. Com a prisão de Iza, alguns falam em antecipar e se juntar a marcha indígena. “Se eles se juntarem tudo bem, se não se juntarem nós nos juntaremos assim mesmo”, dizia pela TV um irado morador do sul de Quito.

13 DE JUNHO: O INÍCIO DAS MANIFESTAÇÕES

Nesse dia começaria mais um período de mobilizações dos indígenas e de agricultores da região Costa (litoral) do país. Como sempre acontece, com algumas interrupções de estrada, manifestações nas pequenas cidades que poderiam ir crescendo ou não. O primeiro dia começou relativamente fraco, mas na madrugada do dia 14, um esquadrão especial da Polícia, prendeu e sequestrou Leonidas Iza e a história mudou.

O dia 14, que seria um dia de pequenas mobilizações, se transformou na data dos primeiros enfrentamentos com o aparato repressivo. Cotopaxi, região de Leonidas, foi tomada pela população que se manifestava em frente ao órgão Judicial. A manifestação ganhou uma enorme participação que colocou a polícia para correr do local.

Na região amazônica as estradas foram sendo tomadas. Na região petroleira do Tena as comunicações com as outras cidades foram totalmente cortadas. Na região de Puyo nem a polícia e nem o exército se atreveram a

enfrentar as mobilizações.

O RECUO DE LASSO

Lasso fez um cálculo político errado ao prender Leonidas, pois imaginava que o movimento refluiria. Mas aconteceu o contrário, e a mobilização cresceu e se radicalizou.

Essa relação entre repressão e a resposta das massas deve ser enquadrada no contexto da crise imperialista. Se, por um lado, cresce as organizações de direita, por outro, as massas se radicalizam também.

A MOBILIZAÇÃO COMEÇA A CHEGAR NA CAPITAL

O dia 16 começou com a expectativa das marchas terem maior incidência nas cidades, especialmente em Quito. Na cidade de Cuenca os estudantes da universidade suspenderam as aulas e saíram em uma gigantesca marcha. Na região amazônica mais uma vez os indígenas da região, que são diferentes dos indígenas da serra na medida em que estes estão mais vinculados ao mercado, colocaram o exército para correr com suas flechas e lanças!

Na capital Quito, começaram a chegar as primeiras marchas indígenas e a população dos bairros pobres saiu para recebê-los. Ao mesmo tempo o mercado central da capital com seus mais de mil vendedores suspendeu a atividade em apoio as manifestações. Em várias cidades os pequenos comércios fecharam e os transportes pararam de circular.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30CYVA8](https://bit.ly/30CYVA8)

IMPULSIONAR MOBILIZAÇÕES

Indígenas e o povo pobre lutam. Os dirigentes negociam



Marcha indígena em Quito

A heróica luta do povo equatoriano é um exemplo para todos os lutadores latino-americanos. Mas não basta dizer: não. É preciso dizer o quê queremos. Os 10 pontos que a CONAIE levanta não tem nenhuma consigna contra a o governo do grande capital, não tem

nenhuma proposta de governo que o país precisa para enfrentar a violência recolonização e suas consequências para os indígenas, trabalhadores e o povo pobre.

A primeira tarefa a nosso ver é impulsionar a mobilização. Caso as organizações sin-

dicais se neguem a fazê-lo é preciso denunciá-los às suas bases. Em segundo lugar é preciso dizer bem alto: Fora Lasso, os banqueiros e grandes empresários! E finalmente por um governo dos trabalhadores, dos indígenas e da juventude em luta.

TOME PARTIDO

Em São José dos Campos (SP), operários da Avibras se filiam ao PSTU

DEYVIS BARROS
DE SÃO PAULO (SP)

Cerca de 40 operários participaram de uma plenária de apresentação do PSTU em São José dos Campos (SP), no último dia 11 de junho. A maioria dos presentes eram trabalhadores da fábrica de foguetes Avibras, que passaram por diversas lutas nos últimos meses e perceberam, durante o enfrentamento contra os patrões, a importância da organização política independente dos trabalhadores.

Entre os operários presentes, 16 se filiaram ao PSTU durante a plenária, e vários deles estão iniciando a militância no partido.

Para Cleber, um operário que esteve na linha de

frente da luta contra as demissões na Avibras, “naquele enfrentamento para o retorno dos nossos empregos, para ser reintegrado, numa luta de 31 dias, fui vendo que o Sindicato dos Metalúrgicos não estava sozinho, muito menos os trabalhadores. Por trás dessa luta tinha uma organização, um partido político, que é o PSTU. O partido condiz com muitas ideias que a gente já tem, de uma sociedade igualitária, de justiça e dignidade pra todos os trabalhadores. Foi vendo que a visão do partido era a mesma que eu e minha família temos aqui em casa que eu e minha família decidimos nos filiar e ingressar no PSTU”.

Cleber entrou no partido juntamente com sua esposa, Cristiane, que também esteve



Operários da Avibras se filiam ao PSTU em S. José dos Campos (SP)

na linha de frente da greve da Avibras. Eles e os demais operários que decidiram entrar no

PSTU estão passando agora pelos cursos de apresentação do partido em que discutimos

nossos princípios, as bases do nosso programa e nossa forma de funcionamento.

Para Weller Gonçalves, presidente licenciado do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, que esteve nas lutas junto com esses operários e na plenária de apresentação do partido, “os patrões tentam fazer a gente acreditar que lugar de trabalhador é apertando parafuso, não organizando um partido para governar o país. Eles fazem isso porque precisam dominar politicamente para manter seus privilégios. O PSTU é um partido que não tem nenhum patrão, ao contrário, nós organizamos e formamos os trabalhadores para acabar com esse sistema que só beneficia os ricos”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XIBMJp](https://bit.ly/3XIBMJp)

FIM DA OPRESSÃO

Militantes do PSTU apresentam o partido aos operários da CSN

O PSTU realizou, no último dia 15 de junho, uma plenária de apresentação do partido para operários da CSN de Volta Redonda que estão passando por um importante processo de luta nos últimos meses.

Na ocasião estiveram presentes vários operários da fábrica, muitos acompanhados de suas esposas e filhos e os pré-candidatos do PSTU ao governo do Rio de Janeiro, Cyro Garcia e Samantha Guedes.

Na plenária foi discutida a importância da luta e da resistência

operária, mas também de uma organização política independente dos trabalhadores para lutar para superar essa sociedade em que precisamos fazer greve para defender os direitos mais básicos.

Vários operários e seus familiares fizeram depoimentos muito emocionantes em suas intervenções, refletindo a importância dessa luta em suas vidas e de tudo o que aprenderam nestes meses. Um desses operários, que é da comissão de trabalhadores que esteve à frente da luta e agora é da

Chapa 2 na eleição do sindicato, disse: “se nós conseguimos transformar um lugar que não tinha uma casa em uma casa, isso foi a nossa mão que criou. Se nós pegamos uma matéria-prima e conseguimos construir um carro é porque nós temos essa capacidade, e foi isso que me levou à luta”.

Outro operário que também é da comissão de trabalhadores lembrou como toda essa luta começou: “Eles tentaram massacrar a classe trabalhadora, a classe que é a mais importante da empresa,

que é a primeira que entra e a última que sai. O reconhecimento é tão desprezível que o salário é mais baixo. Estamos no caminho certo. O sistema é muito covarde, mas nós somos pequenas engrenagens que se ajustam para tentar ultrapassar o sistema.”

Cyro Garcia, pré-candidato pelo PSTU ao governo do Rio de Janeiro, fez uso da palavra enfatizando que a burguesia utiliza o poder político para oprimir e explorar os trabalhadores, enquanto nós vivemos na miséria, então defendeu que quando dis-

cutimos a importância do partido revolucionário estamos lutando para que “nós, trabalhadores, possamos fazer a nossa revolução para nos livrar da opressão e da exploração da burguesia e, assumindo o poder, ser donos de fato do nosso próprio destino”.

Alguns dos trabalhadores que foram da linha de frente da luta na CSN nos últimos meses estão conhecendo o PSTU e iniciando uma experiência de militância conosco.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3NRRZQL](https://bit.ly/3NRRZQL)



Conversa com operários de Volta Redonda (RJ).

FAÇA PARTE!



VENHA PARA O PSTU

Conheça você também o PSTU.

Cadastre-se pelo site www.pstu.org.br ou fale com a gente pelo zap (11) 94101-1917 – para receber os nossos informativos e conversar com um dos nossos militantes sobre como você também pode ajudar a construir uma organização revolucionária para libertação dos trabalhadores no Brasil e no mundo.

BANCADA DO CRIME

Delegado denuncia bancada de políticos bandidos que atua na Amazônia

Em entrevista ao programa Estúdio I, da Globo News, no último dia 14, o delegado da Polícia Federal Alexandre Saraiva fez duras críticas aos políticos da Amazônia que, segundo ele, defendem o crime organizado. Depois de fazer um diagnóstico sobre os conflitos na região e da atuação de grupos criminosos na Amazônia, Alexandre Saraiva disse que é difícil combater o crime porque os criminosos têm boa parte dos políticos da região no bolso. “Operacionalmente, é fácil de resolver: detectou a balsa, vai lá e destrói a balsa. Se você fizer isso com regularidade, acaba o garimpo. Agora, o que pega

é quando chega a cobertura política dos criminosos. Esses criminosos têm boa parte dos políticos da região norte no bolso. Eu estou falando de governadores, de senadores.”, disse.

Alexandre Saraiva citou nomes de parlamentares que, segundo ele, atuam para defender criminosos na Amazônia. “De onde saiu boa parte dos parlamentares do Centro? São financiados por esses grupos. Certeza absoluta. Vou dizer nomes: Zequinha Marinho [senador pelo PL-PA], que estava junto com Ricardo Salles na Operação Handroanthus; Telmário Mota [senador pelo Pros-RR], Mecias de Jesus [senador pelo Republicanos-RR], Jorginho



Melo [senador pelo PL], de Santa Catarina, mandou ofício. Carla Zambelli [deputada federal pelo PL-SP] foi lá de-

fender madeireiro junto com Ricardo Salles”, disse Alexandre Saraiva. O delegado da PF afirmou que no parlamento

brasileiro há uma “bancada do crime. Uma bancada, na minha opinião, de marginais, de bandidos”.

CRIANÇA DE 11 ANOS

Juíza nega direito a aborto a criança vítima de estupro

Há mais de um mês uma menina de 11 anos, vítima de estupro, é mantida pela justiça de Santa Catarina em um abrigo para impedi-la de fazer um aborto legal.

No início de maio, após descobrir a gravidez, a menina e sua mãe procuraram o Hospital Universitário da UFSC, em Florianópolis, para a realização de um aborto legal, conforme prevê a legislação brasileira. Porém, o hospital se recusou a realizar o procedimento sem autorização judicial sob a alegação de que já teria passado de 20ª semana de gestação. Enquanto a mãe aguardava a autorização para o aborto, a menina foi tirada de casa e encaminhada a um abrigo, por meio de uma medida protetiva que visava tirá-la



do convívio do suposto estupro, resultando também no seu afastamento da mãe.

Essa decisão foi tomada em audiência judicial, no dia 9 de maio, presidida pela Juíza Joana Ribeiro Zimmer, titular da 1ª Vara Cível da Comarca de Tijucas (SC) e

pela promotora Mirela Dutra Alberton, do Ministério Público catarinense.

A juíza chega a perguntar se a menina “suportaria ficar mais um pouquinho” com o bebê na barriga, e se ela concordaria e se achava “que pai concordaria em

entregar o bebê para a adoção”. O “pai” no caso é o estupro! À mãe ela diz “a gente tem 30 mil casais que querem o bebê. Essa tristeza de hoje para a senhora e para a sua filha é a felicidade de um casal.”

A conduta da Juíza e da Promotora é inaceitável em todos os aspectos. Em nenhum momento o bem-estar físico, psicológico e emocional da criança foi levada em consideração. À violência sexual sofrida foi imputada a essa menina na negação do exercício legal de recorrer a um aborto, que é seu direito tanto como vítima de estupro como pelo risco de morte ou sequelas que uma gravidez nessa idade representa, e por que essa negativa foi feita retirando a menina do convívio da mãe

e mantendo-a num abrigo em situação de praticamente “encarceramento”.

Em nota, a Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU manifestou seu repúdio a decisão: “Repudiamos veementemente esse ato. Exigimos que a menina tenha seu direito legal de abortar assegurado, que lhe seja garantido assistência integral à sua saúde física, psicológica e emocional. A Justiça de Santa Catarina no início da tarde desta terça-feira, 21, ordenou que a vítima voltasse a morar com sua mãe, bem como a Corregedoria de Justiça irá investigar a conduta da Juíza. Exigimos que o convívio com a família seja restituído, sem prejuízo de afastamento do agressor, que deve ser devidamente punido”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3XNMIWL](https://bit.ly/3XNMIWL)

NOTÍCIAS DA PRÉ-CAMPANHA

Vera participa de atividades no Pará, Maranhão e Piauí

Vera tem realizado um giro pelos estados brasileiros. Na última semana, a pré-candidata à Presidência do Brasil pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário visitou o Pará, o Maranhão e o Piauí.

Além de participar dos atos de lançamento das pré-candidaturas do PSTU e do Polo Socialista e Revolucionário (ver página 4) nos referidos estados, Vera participou de outras atividades, as quais destacamos abaixo:

PARÁ

Vera chegou a Belém, capital do Pará, e foi direto ao Ver-o-Peso, a maior feira livre da América Latina. Lá ela almoçou e conversou com os feirantes. Em seguida, reuniu-se com os diretores do Sindicato dos Petroleiros (Sindipetro – PA/AM/MA/AP) e assinou a carta-compromisso com o programa da categoria para a Petrobras e o setor de petróleo e gás aprovado no 13º

Congresso da Federação Nacional dos Petroleiros (FNP).

Na Universidade Federal do Pará (UFPA), ao lado de estudantes, técnico-administrativos e professores, Vera participou de um ato público em defesa da Amazônia e por justiça ao indigenista Bruno Pereira e ao jornalista inglês Dom Phillips, brutalmente assassinados na região do Vale do Javari, no oeste do Estado do Amazonas.

Vera também esteve ao lado dos operários da construção civil. Ela participou da festa de 114 anos do sindicato da categoria, que reuniu milhares de pessoas na sede do clube Bancrêvea.

MARANHÃO

Em São Luís, capital do Maranhão, a primeira atividade de Vera foi uma reunião com a categoria dos vigilantes.

No histórico e resistente bairro negro da Liberdade, acompanhada da militância do PSTU, Vera participou de uma panfletagem na feira. Ela



também se reuniu com os ativistas que constroem o Polo Socialista e Revolucionário no Maranhão e participou de uma feijoada na sede do partido.

Como boa nordestina, Vera se despediu de São Luís conhecendo os festejos juninos da cidade.

PIAUI

Vera chegou a Teresina, capital do Piauí, e já foi recebida pela imprensa local, em uma coletiva

que aconteceu no Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Teresina (Sindserm). A presença de Vera na cidade seguiu repercutindo na imprensa, com a participação dela em diversas entrevistas nas rádios, jornais impressos e TVs.

A educação pública das redes municipal de Teresina e estadual do Piauí está há meses em greve em defesa do pagamento do piso nacional do magistério, um direito que está sen-

do negado pelo prefeito José Pessoa (Republicanos) e pela governadora Regina Sousa (PT). Vera registrou seu apoio às greves e gravou um vídeo direcionado aos trabalhadores da educação.

Sua passagem por Teresina terminou com uma reunião com a militância e simpatizantes do PSTU. A atividade aconteceu na sede da CSP-Conlutas.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/39MP8DB](https://bit.ly/39mp8db)



Em Teresina, Vera participa de coletiva com a imprensa.



Vera na festa do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém (PA).

Vera em reunião com a categoria dos vigilantes em São Luís.

AGENDA

CONFIRA A VERA NOS ESTADOS



22 a 25/6: Ceará



5 a 7/7: Rio Grande do Norte



8 e 9/7: Paraíba



10 a 13/7: Bahia

ACESSE AGORA!

Bora conhecer o site da Vera!



O site da Vera, pré-candidata à Presidência da República pelo PSTU e pelo Polo Socialista e Revolucionário,

Para acessar, basta digitar:
www.vera.pstu.org.br

